

Nota editorial

O Comitê Editorial da Revista *Ciência & Trópico*, periódico interdisciplinar com dimensões internacionais, cujo objetivo é contribuir para a divulgação de pesquisas atuais e consistentes nas áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais, sente-se mais uma vez honrado em poder dedicar este número à discussão sobre desnaturalização dos desastres em parceria com os profissionais da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro.

A *Ciência & Trópico*, v. 40. 1 de 2016, publicou dez artigos do *I Seminário Internacional Desnaturalização dos Desastres e Mobilização Comunitária: Novo regime de produção de saber*, que teve lugar no Museu da Vida, da Fundação Oswaldo Cruz, entre 15 e 16 de outubro de 2015. Esse debate ressaltou a concepção sobre um conjunto de reflexões e ações compartilhadas entre academia, organizações e movimentos comunitários, que identificam a necessidade de aprofundar as discussões sobre os desastres, sua relação com o modelo de desenvolvimento dominante e perspectivas de enfrentamento.

Entre 4 e 8 de outubro de 2021, no marco dos dez anos do desastre das cidades serranas, acompanhado por desastres-criminosos da mineração e da pandemia da Covid-19, a Fiocruz realizou o *II Seminário Internacional de Desnaturalização dos Desastres e Mobilização Comunitária: crises ampliadas, redes e resistências*. Do evento, que contou com a participação de mais de duas mil pessoas, dessa vez em versão *on-line*, quinze artigos foram selecionados para compor a Revista *Ciência & Trópico* que encerra o ano de 2021.

A dimensão internacional da temática leva a compreender por que desnaturalizar a concepção dos desastres e fortalecer os movimentos comunitários é condição essencial para que novos regimes de produção do saber possam emergir, fortalecendo redes e resistências na criação de novos modos de atuar na vida, tornando as pessoas capazes de

enfrentar desafios, indicados pelas mudanças climáticas e provocados pelo atual modelo de desenvolvimento.

Os dois primeiros artigos resultam das discussões relativas a desastres das mudanças climáticas. Luiz Galvão em *A desnaturalização das crises globais e o conhecimento necessário em saúde* analisa a ausência de um quadro analítico adequado que dê conta de políticas públicas para enfrentar a atual crise global. O segundo, sobre *Desastres ecológicos e a saúde: plêiade de ampla magnitude e baixa percepção*, de Marcia Chame e Luciana Sianto, dá ênfase aos desastres ecológicos e às perigosas fronteiras com a saúde humana. Perigos, em geral, menosprezados e pouco previsíveis, mas de ampla magnitude como expressos na pandemia da Covid-19.

No contexto internacional, Ole Joerss, Caroline Rodrigues da Silva e Mirtes Aparecida dos Santos traçam a história das Conferências das Partes, assinalando como as mudanças climáticas estão posicionadas na agenda global, principalmente diante dos resultados da COP-26 de Mudanças Climáticas, realizada em Glasgow, no final de 2021.

Vários autores apresentam excelentes artigos sobre metodologias para mapeamento de vulnerabilidades no Brasil e em Portugal. Os *Índices de Vulnerabilidades Socioambientais, Dinâmicas de contágio da COVID-19 e Índice Brasileiro de Privação em Saúde* contaram com contribuições da Universidade de Coimbra, Universidade de Lisboa, Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppe/UFRJ) e Fiocruz Bahia.

As indagações que suscitaram reflexões na abertura do Seminário estão expressas em artigos que dialogam entre si. Desastres, pandemias e mudanças climáticas são expressões da crise final do capitalismo? Ou estamos diante de mais uma mutação desse modo de produção? Questões complexas para a desnaturalização dos desastres são abordadas pelos pesquisadores Allan Lavell, em *Desastres como indícios da crise do capitalismo?*, Henri Acselrad, ao abordar *Os desastres e a ambientabilidade crítica do capitalismo*, e Norma Valencio que focaliza *A Era dos Desastres no Brasil: da fase agônica da democracia eleitoral à sobrevivência do capitalismo rentista*.

Pesquisadores da América Latina discutem como vulnerabilidades e desigualdades integram o atual modelo de desenvolvimento. Os estudiosos, conhecedores das experiências de resistência na América Latina, traçam um quadro de como as resistências e redes vêm se conformando atualmente para que as mudanças climáticas, desnaturalizadas, sejam enfrentadas como uma discussão operacional e não

uma impossibilidade política. José Esteban Castro, pesquisador argentino, discute *desastres, desigualdades, violências e processos de democratização*. Indaga qual o significado da violência no surgimento, manutenção e erosão das ordens socioecológicas. Virginia Garcia-Acosta, pois, antropóloga mexicana, apresenta *a história do conceito de desnaturalização dos desastres*. Por sua vez, Claudia Nantezon e Aurora Parkinson, numa abordagem sociojurídica, tomam por base decisões judiciais relacionadas aos danos associados a mudanças climáticas na Argentina, avaliando o papel do Direito como instrumento privilegiado para reduzir ou ampliar as vulnerabilidades sociais.

Os artigos que compõem o último bloco desta edição da C&Trópico tratam das fronteiras, muitas vezes conflituosas, entre os trabalhadores das emergências e desastres e as redes comunitárias. O relato sobre *A atuação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial no desastre da mineração em Mariana (MG)*, elaborado por Marcela Santos, Maíra Carvalho e Cláudia Penido discute o contexto e as vivências desenvolvidos no campo psicossocial e os desafios para a construção de um plano de ação para a população vulnerável. Em seguida, Luiz Henrique de Sá e Samira Ibrahim descrevem a experiência do *preparo dos profissionais da saúde em Petrópolis*, uma das cidades mais afetadas no desastre da Região Serrana em 2011.

No contexto da promoção dos direitos humanos e da defesa jurídica das comunidades atingidas, Rafael Campos elenca experiências do *Núcleo de Atuação em Desastres e Grandes Empreendimentos da Defensoria Pública do Estado do Espírito Santo*. Na sequência, A pesquisadora Antenora Siqueira apresenta várias experiências de *estratégias de mobilização comunitária*, com suas redes e resistências na Bahia e no Rio de Janeiro.

Finalizando, Sergio Portella e Simone Santos Oliveira, editores convidados deste número, resumem os *Apontamentos para produção de saber e mobilização comunitária: pelas redes de redes*. Os autores demonstram a complexidade dos desafios socioambientais do Século XXI, que assinalam ser imperativa a busca de cooperação e de uma articulação inovadora e criativa do conhecimento, da gestão e das comunidades. Um dos pilares de todo esse esforço dos envolvidos com a questão dos desastres e emergências é o surgimento e a consolidação de uma pedagogia das redes, pelas redes de redes. Não se pode conceber, portanto, as redes comunitárias como uma massa desprovida de laços e de saber.

Sempre coube à Fundação Joaquim Nabuco trabalhar em parceria com instituições de excelência que buscam conhecer a realidade para transformá-la e lançar desafios com esteios em novas convicções. Essa é a segunda oportunidade de aprofundar o debate com a Fundação Oswaldo Cruz sobre a desnaturalização dos desastres no cenário internacional, agravada pelos caminhos sombrios de uma pandemia. Ressalte-se, ainda, que tudo o que se acenou para uma futura crise gerada pelas mudanças climáticas já estava presente nos desastres socioambientais, os quais se expressam não apenas em indicadores, mas no comprometimento absoluto da felicidade. É difícil reconhecer que nós mesmos, sociedade, governos, *stakeholders* do desenvolvimento, organizações internacionais, engendramos o comprometimento da justiça social expressa nas desigualdades sociais cada vez mais evidentes no rastro do flagelo da COVID-19. Temos que saber construir, como na xilogravura de J. Borges, a nossa Casa no Sítio, o lugar em que cabem as cores da reconstrução e da esperança.

Alexandrina Saldanha Sobreira de Moura
Editora Chefe

Sérgio Portella
Simone Oliveira
Editores especiais (Fiocruz)